

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



ÁGUA DA FONTE,
FRESCA COMO OS
LÁBIOS FRESCOS
DAS RAPARIGAS!
(Foto João Martins)

ANO V
N.º 222
16 DE AGOSTO
DE 1945
PREÇO
AVULSO
1 \$ 8 0

6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.
(VER AS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO NA PAG. 1)

A CAMISARIA CHIC
XANEL

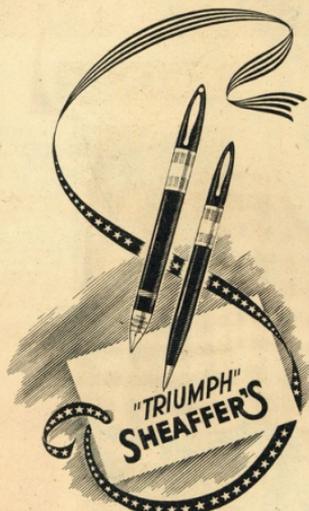


nos tecidos mais
finos. confec-
cionados por
medida

VISITEM A
CAJA

Xanel

A. V. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA



DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, L^{DA}
RUA DO CRUCIFIXO, 76-77 - LISBOA - TEL. 26297

Em todas as **IDADES...**

é necessário fortalecer os ossos
e os músculos para evitar o espo-
ntamento e a doença.



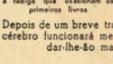
Examinando a
futura mãe, nasce
um filho sã e re-
sistente a todos os
enfrentamentos



Cuida a dentição e o de-
senvolvimento dos ossos com a
principal medida profilática que
os pais devem ter com os filhos



Na idade escolar, quando o
cérebro das crianças começa a
trabalhar, deve impregnar-se
a lãgaa que estimulam os
primeiros nervos



Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágéis, o seu
cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico
dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



A rapariga ao fazer-se
mulher passa por um
período de maturo-
ria, começa a fadiga,
que devem ser com-
pensadas com doses



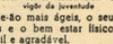
Os jovens que na época de
estudos fortalecem o seu cére-
bro, fazem homens com um
parvo saudável



A família inteira terá optima-
mo e alegria quando que todos
os seus componentes gozem
de boa saúde



Nunca será um velho se os
seus hábitos mentais e os
seus nervos conservarem e
vigilarem a juventude



Para sempre o legítimo Fósforo Ferrero



O essencial
para uma boa habitação

UMA INSTALAÇÃO
da casa MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L.^{DA}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30 — LISBOA
TELEFONE 21643

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORA, LIMITADA"

PRIMEIRA COLUNA

CRIANÇAS QUE TRABALHAM

Por ANÍBAL NAZARÉ

O leitor que, como nós, anda na rua, deve ter reparado nas inúmeras crianças, algumas de poucos anos, que por aí estadeiam a sua miséria, vendendo alfinetes, pentes—mil e uma coisas que a imaginação cria, quando é preciso pedir e é perigoso pedir esmola.

Na simpática classe dos *ordinários*, também vemos, de Verão e de Inverno, ao sol escaldante ou ao frio de tritar, crianças tão pequenas que fazem parar, de pasmo, quem as vê.

E os *grooms* dos clubes elegantes? Crianças em idade escolar, que perdem as noites, perigosamente, num ambiente que, decididamente, não é o mais próprio para elas. E os minúsculos engraxadores, tão estorçados, como os *ordinários*, na labuta pelo pão de cada dia?

Nesta cidade grande, onde só os grandes parecem ver-se uns aos outros, um mundo de crianças trabalha, luta e vive—sabe Deus como.

Altas horas da noite, quando as pessoas crescidas e divertidas regressam a casa, depois dumhas horas de alegria, crianças magras, mal vestidas e famintas, mendigam na rua, vendendo cauteias—que é a forma legal que os pais encontram para as mandarem mendigar...

E as pessoas crescidas passam, param às vezes para dar uma moeda, mas não reparam na tragédia porque passaram, distraídas, entretidas, que a vida é assim e não vale a pena reparar nas coisas pequenas...

Há dias, a mãe e o pai dum garoto de treze anos, rapaz forte, bem comido e com cuidados da família, que, aliás, não é rica, quiseram que ele começasse a aprender um ofício. E escolheram: o rapaz seria tipógrafo.

Simplesmente não pôde ser porque, para poder entrar para uma oficina, como aprendiz-iniciado, tinha de ter mais de catorze anos.

E como só tinha treze, não podia...

Assim, ainda não sei que profissão resolveram dar ao rapaz—se *ardina*, se *groom* dos clubes...



Estas duas simpáticas velhotas foram professoras do Presidente Truman. A da esquerda, é Miss Caroline Stoll, tem 84 anos e ensinou-lhe instrução primária; e outra é Miss Mattie Brown, e foi sua professora de História no liceu.

Devem ambas sentir-se valiosas, porque isto de ter um aluno que acaba em presidente dos Estados Unidos, não é coisa que acontece a toda a gente...



O NOVO EMBALXADOR DE INGLATERRA COM O CHEFE DA REDACÇÃO DA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA".

Sir Owen O'Malley, novo Embaixador de Inglaterra, recebeu, há dias, os representantes da Imprensa, ao ambiente, excepcionalmente acolhedor, dos salões da Embaixada. Durante cerca duma hora e illustre diplomata cativo os jornalistas portugueses com a sua gentileza e simpatia, afirmando que sempre a Imprensa teria abertas as portas da Embaixada Inglesa, para assim se estabelecer o necessário conhecimento mútuo, indispensável ao estreitamento das relações anglo-lusas. Dessa recepção, os jornalistas portugueses trouxeram a certeza de que a Embaixada de Sua Magestade Britânica na capital da sua velha aliada, não podia estar, de facto, mais bem entregue.

* PANTORAMA *

AMÉRICA



vestidos das senhoras elegantes. Aqui deixamos o modelo para as nossas leitoras—e para os nossos desenhadores...

FRANÇA



novo ao público, e as estátuas regressam...
E a Paz...

HUNGRIA



Que lhes parece que sejam estas duas engraxadas raparigas russas? Guardas da linha? Campistas!...

Pois trata-se, simplesmente, de duas policas-sinaletas que regulam o trânsito nas ruas de Budapeste!

Um encanto de policas, não são?

Assim, até deve dar gosto andarem-nos o caminho!...

INGLATERRA



Este é o Juiz Jackson, autor do relatório relativo aos criminosos de guerra e que será o conselheiro-chefe por parte dos Estados- Unidos no julgamento dos mesmos.

Aqui o vemos em Londres, na varanda do Hotel Claridge.

MILU



REGRESSOU AO CINEMA E VAI REAPARECER NUM FILME LUSO-ESPANHOL QUE ARTUR DUARTE ESTÁ A DIRIGIR EM ESPANHA

MILU, a vedeta do «Costa do Castelo» e de «Dona Luiza de Mei», regressou, há dias, de Barcelona, onde esteve a filmar. Notícia sensacional a todos os títulos, pois a simpática artista anunciara o propósito de se retirar definitivamente da vida artística e intercomper, assim, uma carreira prometedora.

Pois é verdade. Milu veio de Barcelona, dos estúdios onde Artur Duarte está a dirigir a versão cinematográfica da peça de Jardiel Poncela, «Os perigosos anões», onde Milu não tem um grande papel, pois não interveio propriamente do desempenho. Limita-se a cantar uma canção, no decorrer de uma festa

© 1954 - UFA - S.A. - P. 10.

NOTA DA SEMANA

ESTAMOS em plena era dos filmes luso-espanhóis.

No decorrer da próxima temporada, devem ser apresentados, nas suas versões portu-guesas, as seguintes produções: «Madalena, zero em comportamentos», com a Tatá e Virgílio Teixeira; «O Diabo são Elas», com Barreto Poeira, Humberto Madeira, Regina Montenegro e as Irmãs Meliores; «Es perigoso amarmos-se al exterior», com Amarante, Erica, Oscar de Lemos e Milú, e direcção de Artur Duarte; «O Hóspede do Quarto 13», com Maria Eugénia, Teresa Casal, Erico, e direcção também de Artur Duarte; «Um Ladrão de Luva Branca», com Alberto Ribeiro e Oscar de Lemos; e «A Rainha Santa», de Aníbal Contreiras.

Destes seis filmes, quatro estão praticamente concluídos. «O Hóspede do Quarto 13» aguarda apenas a película virgem. O filme de Aníbal Contreiras está na fase preliminar da realização.

A colaboração luso-espanhola, no campo cinematográfico, veio tarde, mas com força. E é por certo toda esta actividade e seus reflexos na economia da indústria cinematográfica nacional, que leva alguns a afirmar que o diploma de protecção a sair dentro em breve, proíba a entrada, no nosso país, de filmes falados em português.



Spencer Tracy, na figura de «James Doakliff», o célebre aviador americano que pelo primeira vez bombardeou o capital do Japão, tal como nos aparece em «30 Minutos sobre Tóquio», filme que glossa aquele fanção que assombrou o mundo.

QUANDO se casarem foi uma surpresa. E quando se divorciaram foi uma surpresa maior! Na história sentimental de Mickey e Ava haverá novos motivos para forçar a admiração de Hollywood? Assim parece. Por que correm rumores de que o casal, meses depois do divórcio ter sido decretado, vai reconciliar-se novamente?

Mickey Rooney era tido por um dos solteiros da Cinelândia. Esta palavra «solteiro» aplica-se, em regra, aos homens de idade provecta. Mas não é inteiramente descabida com relação ao Intérprete da «Comédia Humana». Apesar dos seus vinte e quatro anos—tantos são os que completará no dia 3 de Setembro—Mickey viveu mais do que a maioria dos mortais, porque, desde menino, conhece a glória, a celebridade e a fortuna, três objectivos que é costume perseguir sem jamais as alcançar.

Quando Mickey encontrou Ava Gardner foi o coup de foudre. Ficou perdido de amores—e tratou imediatamente de a levar ao altar. Passaram a sua felicidade pelos mais famosos centros mundanos da América. E quando o seu noivado parecia deslizar num mar de rosas—começaram a correr rumores de que entre eles se cavara o abismo do desentendimento.

E assim foi. Daí ao divórcio medou um passo. Um passo curto, que os Juizes resolveram com o pretexto habitual, de «srueldade mental».

A colónia de Hollywood, do contrário do que normalmente acontece, pôs-se ao lado do marido.



SUSAN PETERS CASOU-SE

No copelinho de Santa Mónica, escondida na espessura dos laranjeiras, os ainos tocaram festivamente. Susan Peters — lembram-se dela, do lado de Greg Garson e Ronald Colman, em «A Noiva Perdidas»? — casou-se com o tenente de Marinha Richard Quins. A ardente enamorada de tantos filmes viveu agora, finalmente, na existência real, e a sua primeira e mais bela hora de amor.

MICKEY ROONEY

VAI RECONCILIAR-SE COM A SUA EX-MULHER

AVA GARDNER?

«Ava» — dizem — era uma provincianzinha ambiciosa. — O casamento — acrescentavam — fóra para ela um dos degraus da escada da glória, que nunca chegou a alcançar.

Após uma longa separação, Mickey e Ava tocaram a encontrar-se. E ficaram novamente encantados um com o outro. Teria sido o divórcio um «mal-entendido»? Ela o que pergunta Hollywood, que admite, entretanto, a reconciliação dos dois ex-cônjuges.

Seria, apenas, mais uma surpresa no roteiro sentimental dos dois artistas.



O FOTOGRAFO SURPREENDEU MICKEY ROONEY E AVA GARDNER, MESIS APÓS O DIVÓRCIO, COM ESTA RADIOSA EXPRESSÃO DE FELICIDADE. SERÁ POSSÍVEL A RECONCILIAÇÃO?

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

Ea altura de descrever a fase final das operações no Norte de África, empreendidas pelos Aliados depois do desembarque, e a reacção violenta com que os alemães replicaram à iniciativa anglo-americana, procurando retardar os seus efeitos pela criação dum núcleo poderoso de resistência instalado na testa de ponte da Tunísia, que rapidamente guarneceram.

Em seguida às negociações entre o almirante Darian e o general Eisenhower foi, como dissemos, dada ordem de cessar fogo, e essa ordem foi revelada por um comunicado do Quartel General Aliado publicado nesse mesmo dia. O comunicado fornecia os seguintes pormenores sobre as condições em que a luta se desenrolara: «As hostilidades em Argel cessaram em seguida às negociações para a conclusão dum armistício. As forças norte-americanas conquistaram Oran. As que desembarcaram na costa de Marrocos tomaram e ocuparam duas importantes cidades ao norte e ao sul de Casablanca, Safim e Fedhala. O que atinge prossegue com um ritmo sem precedentes, em toda a área do Mediterrâneo».

A partir do dia 10 de Novembro os desembarques de tropas e material, dominada a resistência inicial, prosseguiu com grande intensidade, utilizando-se, para isso, os portos de Argel e Oran. Pouco depois revelava-se que os ingleses do 1.º Exército britânico, sob o comando do general Anderson, haviam ocupado os restantes portos da costa argelina. Bougie, Philippeville e Bône. A ocupação destes portos revestia-se dum grande importância para o prosseguimento das operações, pois era convicção geral que os Aliados desembarcados não deixariam de tentar li-

quidar imediatamente toda a influência do Eixo naquela região, apoderando-se da costa até à Tunísia e tornando, assim, impossível às forças de Rommel, que recuavam na frente do 8.º Exército, prosseguirem com êxito na sua retirada. Por esse motivo a posse de portos onde pudessem ser desembarcadas rapidamente tropas e colocado material pesado oferecia um interesse incontestável e era a primeira condição para que a luta pudesse terminar rapidamente. A missão principal era assinalada às forças do 1.º Exército britânico do general Anderson consistia precisamente em ocupar os portos e organizar rapidamente a marcha sobre a Tunísia.

COMO SE DESENNOLOU A LUTA EM MARROCOS

Em Marrocos a luta foi relativamente mais prolongada e áspera do que na Argélia, onde os civis, organizados por Lemaigner Dubreuil, desempenharam um papel de relevo auxiliando o desembarque e contribuindo para que as forças regulares não insistissem numa resistência prejudicial aos interesses da França.

Na zona marroquina havia também um núcleo de conspiradores civis que, tal como acontecera na Argélia, devia cooperar estreitamente com as forças desembarcadas e com os elementos da guarnição local que se encontravam complicados na conspiração. Estes últimos tinham à sua frente o general Emile Bethouart, um oficial do Estado-Maior que, apesar de relativamente novo, gozava já de excelente reputação profissional, sendo considerado como uma das melhores esperanças do exército francês.

Foi o general Bethouart que, na madrugada do dia 8, comunicou ao Residente Geral, general Noguéz, que os americanos estavam a desembarcar, convidando-o, no mesmo tempo, a dar a sua adesão à causa das Nações Unidas. Noguéz telefonou para o governador militar de Casablanca, que lhe comunicou não haver sido ainda vistos os americanos naquela cidade. Nestas condições, Noguéz ordenou a detenção de Bethouart e enviou ao governo de Vichy um telegrama em que dava conta do que se passara. Nesse telegrama, Noguéz revelava que em Marrocos se organizara uma conspiração chefiada pelo general Bethouart para auxiliar os americanos, e que este último já se encontrava detido.

Num telegrama enviado ao chefe do Governo de Vichy, o Residente Geral completava as suas informações com os seguintes pormenores: «Graças ao lealismo das tropas, a dissidência pôde ser sufocada depois de termos atravessado horas difíceis. A luta será dura, mas toda, francesa e marroquina, saberão fazer os sacrifícios necessários para salvaguardar a unidade nacional».



O general Anderson condecorando um dos combatentes ingleses da campanha do Norte de África

O QUE SE PASSOU EM CASABLANCA

As forças americanas que desembarcaram em Safim realizaram rapidamente os objectivos que lhes haviam sido assinalados. As que desembarcaram em Fedhala foram violentamente atacadas pelos reforços enviados de Mequenez e de Fez, e tiveram de lutar duramente antes de cumprirem a sua missão.

Mas foi em Casablanca que a resistência, oferecida pela guarnição da cidade em estreita cooperação com as forças navais que se encontravam naquele porto sob o comando do almirante Micheliere, se prolongou ao longo de dois dias até que a intervenção do almirante Darian se traduziu pela ordem geral de cessar fogo.

O comandante das forças americanas desembarcadas, general Patton, enviou um ultimato ao governador militar da cidade convidando-o a render-se. Este ultimato não teve qualquer resposta. Tornou-se assim necessário fazer intervir na contenda o péso dos canhões da esquadra americana comandada pelo almirante Hewitt. Travou-se na área do porto uma batalha naval rápida e violenta. Do lado dos franceses intervieram nela várias unidades de certo valor militar, especialmente o navio de linha «Jean Bart», cuja construção se completara depois do início das hostilidades. Além do «Jean Bart», os franceses dispunham dum cruzador e de alguns contra-torpedeiros que abriram fogo violento contra os navios da esquadra americana. Todas as unidades navais francesas que intervieram na luta foram afundadas ou, como aconteceu com o «Jean Bart», ficaram gravemente avariadas.

Depois disso os americanos, comandados pelo general Patton, que mais tarde veio alcançar tão grande nomeada, desembarcaram e iniciaram a ocupação da cidade, que se completou rapidamente. Patton declarou mais tarde (dez dias depois do desembarque) que o general Noguéz se decidira, desde a primeira hora, a auxiliar os americanos, mas que fora obrigado, por motivos estranhos à sua vontade, a tomar depois uma atitude diferente.

A REPLICHA DO EIXO NA TUNÍSIA

Dez dias depois de iniciado o desembarque dos Aliados no Norte de África, era possível dizer que as operações iniciadas estavam terminadas. Nessa altura era possível fazer uma ideia bastante clara sobre as posições dos dois adversários e as consequências que inevitavelmente resultariam da iniciativa anglo-americana.

Os Aliados tinham podido desembarcar, com sacrifícios insignificantes, na Argélia e em Marrocos, forças que totalizavam cerca de duzentos mil homens com todo o material e equipamento indispensável à realização dum campanha em grande estilo. Essa campanha seria a campanha da Tunísia, uma das mais importantes de toda a guerra e das que produziram efeitos mais apreciáveis. Nesses dez dias fora desembarcada, nos portos da costa do Norte de África ocupada, a carga de quinhentos navios mercantes. Os americanos tinham organizado, de maneira inexecelável, os serviços administrativos do seu corpo expedicionário de forma que, desde os víveres às locomotivas, os soldados desembarcados tinham à sua disposição tudo o que era necessário para a realização da sua tarefa.

O Alto Comando americano tinha tomado todas as precauções para que o desembarque do seu corpo expedicionário se não pudesse comparar à realização dum occupa-ção militar que quaisquer que fossem os seus objectivos finais, incluindo o da libertação do território francês, não deixaria de ser encanada pela população com desagrado ou, pelo menos, com um recelo compreensivo. Não sobrecarregando o mercado local com as suas exigências, não desfalmando as reservas de gêneros com as suas requisições, não sobrecarregando o sistema de transportes com os seus pedidos e as suas prioridades, o comando americano realizou uma operação do mais alto alcance político, fazendo a afirmação do poderio dos Estados Unidos e convencendo a população de que ele era invencível.

(Continua)



Almirante H. K. Hewitt

EM MADRID A ESCOLA DE JORNALISMO

Por LUIZ DE QUADROS

É já um verdadeiro lugar-comum dizer-se que o jornalista nasce; porém, não é menos verdade que todo aquele homem que vem ao Mundo já possuidor das características essenciais a um autêntico homem de Imprensa e que depois cresce ao sabor de circunstâncias adversas a tão difícil profissão, jamais será um «mentor de opinião» ou um «artista da Informação». Isto é, talmente ao que acontece desde há muitos séculos, com as outras profissões intelectuais. Os homens que querem ser jornalistas porque sentem em si os requisitos essenciais a tal mister — perspicácia, agilidade mental, sentido revolucionário da vida, etc. — necessitam de uma grande preparação cultural e técnica para chegarem a ser verdadeiros jornalistas em toda a acepção da palavra. E esta preparação não se pode adquirir, como acontece presentemente em Portugal, quando o homem, já entregue à luta pelo pão de cada dia, tem de enfrentar o público leitor com os resultados mal engrandados da sua difícil locutura intelectual. Tão pouco as licenciaturas em Filosofia e Letras, Direto ou Ciências Económicas são de molde a dar bons profissionais de Imprensa, pois um verdadeiro jornalista não pode nunca ser um especialista em qualquer ramo de cultura, mas sim um dominador, se bem que pouco profundo, de todos os horizontes culturais e artísticos, e além disso terá de ser ainda um bom escritor e um bom técnico na arte de sconfeccionar uma publicação.

É porque assim é, e porque nos países de mais adelantada civilização assim se pensa, primeiro as empresas jornalísticas, depois as próprias autoridades governamentais, apadrinharam a ideia das escolas de jornalismo, cuja criação, segundo João Paulo Freire, foi versada no 5.º Congresso Internacional de Imprensa, realizado em Lisboa em 1898, pelo grande Jornalista francês Albert Bataille. Esclarecemos, contudo, que Bataille tratou quasi exclusivamente da oficialização e orgânica das escolas de jornalismo, pois já antes de 1898 existiam cursos para jornalistas na Alemanha e nos Estados Unidos.

Hoje em dia as escolas técnicas de jornalistas contam-se por algumas centenas em todo o Mundo civilizado. Sómente em Buenos Aires existem doze, das quais só uma é oficial. Mas são propriamente os Estados Unidos da América a nação que marcha à cabeça neste aspecto cultural da Humanidade, com algumas dezenas de escolas espalhadas pelo seu vasto xadrez de Estados. Ou não fosse a América o país que possui presentemente o maior diário de todo o Mundo: o «New-York Times», que tira três milhões de exemplares de cem páginas durante a semana e de trinta e seis aos domingos...

Mas porque será que esta ideia das escolas de jornalismo tem em Portugal tão acérrimos inimigos e é olhada com a maior indiferença pelos poderes públicos?

Aqui em Espanha, tão perto de nós, há uma Escola Oficial de Jornalismo. Foi fundada há cinco anos. E presentemente — se bem que com muitos deteitos ainda — não há jornalista espanhol que não a acarinhem e que não considere como um triunfo ser convidado para, após qualquer viagem ou depois de muitos anos de trabalho, ir lá dizer aos seus futuros colegas o que viu ou o que a experiência lhe ensinou. E assim, têm passado por ela, como conferencistas, todos aqueles grandes nomes do jornalismo do país trímico que da Inglaterra, da Itália, Rússia, América, Alemanha e África informaram o público espanhol nestes últimos e agitados anos. E muitos desses conferencistas foram alunos daquela escola, como por exemplo Lorenzo Garza, «enviado especial» em França e, presentemente, correspondente em Lisboa; Lopez Ballesteros, correspondente em Berlim durante a guerra; Luis Climent, correspondente na Bélgica, entre muitos outros que não recordamos agora.

Todos os anos da «Escola Oficial de Periodismo», que essa alta figura de intelectual e jornalista que se chama Don Juan Aparicio dirige e tanto acarinha, são «forçadas» frescas de jovens profissionais que, com as suas ideias e o seu grande entusiasmo, se «colham» pelas cinquenta províncias de Espanha a lutar pela vida e a fomentar com o seu labor uma nova mentalidade, orientando, formando e

informando a população espanhola. E, aliadas à experiência dos velhos e bons jornalistas, as últimas promoções daquela escola souberam fazer da Imprensa do seu país uma das melhores do Mundo, não só pela sua técnica exemplar como também pelo seu alto valor intelectual e informativo. E dos quinze ou vinte novos jornalistas que anualmente deixam a Escola, há quasi sempre dois ou três que são imediatamente lançados para a direcção de um diário.

Será um disparate, isto das Escolas de Jornalismo? Recordemo-nos de que em 1898, em Lisboa, muitos disseram que não...

Em Lisboa precisamente. — e já lá vão quasi 50 anos...
Madrid, Agosto de 1945.



Grupo de alunos da Escola Oficial de Jornalismo. Muitos são de várias províncias de Espanha e há, ainda, um árabe e um português.



Quando se aposta, cumpre-se. Este futuro jornalista mostra, não só que tem palavra, mas ainda que é uma pessoa ágil.



ASSIM que o cantor sentimental acabou de soltar os seus amores perdidos numa tonalidade de ré-bemol, Vette Blonde — cantora de revings — iniciou o seu número.

Sensível a esta digressão impulsiva e ligeiramente vestida, os frequentadores de «Chez Maxim's» aplaudiram com evidente simpatia aquele gracioso bocado de mulher, tanto exuberante, sensual e dinâmico que, em ritmo exacerbado, lançava as suas canções explosivas!

Em seguida, e enquanto ela pormenorizava a sua canção de entrada, a fantástica distinguia na mesa mais próxima do proscênio um solitário que a olhava com o mais vivo interesse.

Rapar bonito, extremamente elegante, parecia não ter mais de trinta anos. Que vinha de procurar ali, aquele tempo de prazeres fáceis? Uma derivante para a sua tristez? Um pouco de sonho para a sua melancolia? Ou buscara apenas o leve amor de uma noite?

A artista, que o observava de soslaio, notou que éle lhe dirigia, de vez em quando, um leve cumprimento, discreto, de cabeça. Aproveitando uma passagem da canção, respondeu-lhe com um sorriso. Visivelmente lisonjeado, o homem atirou-lhe um punhado de rosas que uma florista lhe deixara em cima da mesa momentos antes.

Depois, tendo garatujado algumas palavras num cartão, pediu ao criado que o levasse à cantora.

Trocado o vestido de cena pelo vestido de noite, Vette Blonde correu ao encontro do seu admirador, cujo olhar distraído seguia agora a evolução ondulante dos pares que, na pista encendida, desfilavam num tango argentino, à luz líl dos projectores.

Quando a luz, ergueu-se vivamente, e quando ella chegou perto inclinou-se para ele.

— Queira sentar-se, peço-lhe! Mademoiselle... Vette? É um diminutivo do seu nome, não é?

— É certo, chamo-me Joette!

— Nesse caso, para mim, será Joette. Quer?

— Pois sim, senhor...

— Procurava no sacco de mão o bilhete que o criado lhe levava.

O homem teve um gesto como que para se desculpou:

— É verdade. É imperdoável da minha parte! Nem me apresentei. O meu nome é Luront, Marcelo Luront. «Champagne»?

— Acho bem.

E o vinho loiro dançou no cristal das taças.

— Não me lembro de o ter já visto aqui! — disse ella para dizer qualquer coisa. — Costuma vir cá?

— Por vergonha minha, tenho de confessar que vim aqui esta noite pela primeira vez.

A rapariga teve um olhar penetrante e murmurou:

— Tem de voltar!

— Certamente. Agora que a conheço. Simplesmente, vindo muito e...

— Anda no membro de o ter já visto aqui! — disse ella para dizer qualquer coisa. — Costuma vir cá?

— Por vergonha minha, tenho de confessar que vim aqui esta noite pela primeira vez.

A rapariga teve um olhar penetrante e murmurou:

— Tem de voltar!

— Certamente. Agora que a conheço. Simplesmente, vindo muito e...

— Anda no membro de o ter já visto aqui! — disse ella para dizer qualquer coisa. — Costuma vir cá?

— Por vergonha minha, tenho de confessar que vim aqui esta noite pela primeira vez.

A rapariga teve um olhar penetrante e murmurou:

— Tem de voltar!

— Certamente. Agora que a conheço. Simplesmente, vindo muito e...

— Anda no membro de o ter já visto aqui! — disse ella para dizer qualquer coisa. — Costuma vir cá?

— Por vergonha minha, tenho de confessar que vim aqui esta noite pela primeira vez.



enlaçados, foram deslizando naquela doce cadência.

— Deve achar-me bem mau dançarino...

— Quali? Que ideia! Dança até muito bem...

— muito andável! A sua indulgência dá-me um pouco de confiança.

Suavemente, como qualquer coisa que morre, o slow acabou de se extinguir na orquestra. A cantora e o seu companheiro voltaram a sentar-se à mesa.

— Mais «champanhes»?

— Com muito prazer!

— Estranha vida a sua!

— E Joette, suspirando:

— O hábito! Deve ser muito mais agradável mexer em jóias ou em pérolas!

— Sim. É uma profissão encantadora.

De repente, divertida, a artista voltou:

— Nunca lhe aconteceu perder alguma peça rara?

— A ingenuidade da pergunta fê-lo sorrir.

— Na nossa profissão todos nós somos prudentes.

Em todo o caso, aconteceu-me isso uma vez!

— Uma coisa dessas deve significar um grande prejuízo.

— Nem por isso. Encontrei-a, calculei!

— Que sorte!

— É certo que não podia estar muito longe.

Tinha-me caído nas mãos quando o examinava em minha casa, um colar avaliado em... Faça já um cálculo!

— É tão difícil...

— Um milhão e duzentos mil francos...

— Ao ouvir a quantia, a rapariga abriu muito os olhos:

— Um milhão e duzentos mil francos! Sucedeu-lhe ter em casa valores dessa importância?

— As vezes...

— É imprudente...

— Olhe, agora, por exemplo, tenho uma colecção de jóias que valem coisa de par com um milhão!

— Um milhão? É de enolidade!

O homem teve um gesto como que para afastar tudo aquilo.

— Falemos de outra coisa, quer? Estou a vê-la a sonhar, e isso faz-lhe mal!

A rapariga concordou em voz distante:

— Tem razão, falemos de outra coisa!

Marcelo curvou-se para ella:

— Que faz esta noite?

— Quere dizer... esta manhã...

— Marcelo consultou o relógio de pulso.

— É verdade! — concordou, a rir. São duas horas... Olga! Se não se angustiasse... Tenho o meu carro à porta. Iríamos até minha casa e, como isto a interessa, mostrava-lhe a colecção de que lhe falava. Depois, ia até à sua casa. Valeu!

Joette pareceu reflectir. Depois:

— Seja! Aceito! Que esperar dois minutos?

— As ordens.

E foi-se, vaporosa, enquanto elle, num gesto, pedia a conta.

Momentos depois, a artista sentava-se ao lado de Marcelo num *Packard* de metais rebrihantes.

— E, agora, princesa, sou todo vosso! — gráçeujo éle. — Não tem sonhos, pois não?

— Isso sim! Nem sombra!

— Tanto melhor, vamos!

E, silencioso, desolou o carro arrancou.

— Quere ir pela avenida Royer, à esquerda?

— pediu ella em tom de quem está habituado a ver satisfeitos os menores caprichos.

— Avenida Royer? Olhe que o caminho por aí é muito maior.

Mas Joette bateu-lhe levemente na mão, e Marcelo obedeceu.

Na avenida, calma e deserta àquela hora tardia, só a marcha suave e regular do *Packard* se ouvia.

Súbitamente, a mulher pediu-lhe que parasse.

— Que há? — perguntou Marcelo com surpresa.

— Já lhe digo! Pare! Pare! — insistiu Joette com autoridade.

E, como elle hesitasse ainda, puxou por uma pistola que escondia na mão direita.

Para disfarçar a sua surpresa, Marcelo quis fazer graça!

— Se é um rapto, já a previno de que faço queixa à minha avó!

Travou bruscamente. O carro estacou. Nesse mesmo instante, uma sombra correu para o carro, abriu a porta de trás e meteu-se lá dentro. Tudo isto em menos de dez segundos.

— É longe a sua casa? — interrogou a linda Vette, que deixou o tom melgo que empregara até ali.

— Sempre quere ir a minha casa?

— Essa, agora! Não prometu que me mostrava a tal colecção tão linda?

— Pois prometi.

— Então, vamos!

O freguês de «Chez Maxim's» lançou de novo o

CANTORA DE "REVINGS" MORRER ANDRÉ ROYER

carro. Depois, num tom em que se nota certa ironia, perguntou:

— Há mais passageiros a meter pelo caminho?

— Mais depressa! Vamos! — atalhou a rapariga. Não tem tempo.

Menos de dez minutos depois, o *Packard* parava à porta de uma esplêndida moradia.

— É aqui? — perguntou Vette.

— É. Chegámos! — respondeu Marcelo, que não parecia estar muito emocionado com a aventura.

A rapariga encolheu os ombros.

— Vive aqui só? — informou-se o cúmplice de Vette, que até ali nada dissera.

— Só, com o meu cão! — respondeu o outro, abrindo a grade.

— Em todo o caso, aconselho-o a estar sossegado.

E a apelar o conselho fez saltar na mão um revólver de grande calibre.

— Olhal! Também o senhor? — notou alegremente Marcelo. — Se a família é numerosa, o armeiro com certeza faz abate!

Estavam agora no vestibulo. Marcelo acendeu a luz e voltou-se para o par:

— O meu cofre está no escritório.

— Vá adiante. Não o seguiremos!

Todos juntos, subiram ao primeiro andar. Daí a poucos instantes numa pequena sala armada em escritório.

— Toca a andar! — resmungou o companheiro de Vette.

— Como o tempo passa! — exclamou Marcelo, decididamente bem disposto.

A casa pertence a um amigo meu que a pôs à minha disposição durante alguns dias.

— Está a mentir para ganhar tempo!

Marcelo, porém, impassível, continuou:

— Também a enganar quando disse que tinha uma colecção de jóias...

— Nesse caso, vamos embora! — exclamou a rapariga.

— E ainda tornei a enganar-lha quando me fez passar por negociante de pedras preciosas!

Vette estava pálida de cólera.

— Nesse caso, exclamou ella, quem é tu?

— Policial! — disse elle simplesmente.

Ao dizer isto, que devia ser um sinal, dois inspectores entraram e começaram a desarmar o par, que algemaram em seguida, com «bracetoes» que nem por não serem de safiras eram menos sólidos.

— Não se angustie, a operação, pseudo-comerciante collocou-se em frente da rapariga.

— Há um mês que te sigo passo a passo. Foucas mulheres acreditam nestem gabar-se de homens assim! Simplesmente, eu não andava listo para bom fim. Esperava apenas a minha hora. Obrigada por não me teres feito perder muito tempo...

Depois, quando já a levavam, fitou-a bem nos olhos.

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

Momentos depois, a artista sentava-se ao lado de Marcelo num *Packard* de metais rebrihantes.

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

— E dizer que é exactamente o tipo de mulher que me agrada!

ALLO!

AQUI RÁDIO-MANICÓMIO

UMA EMIÇÃO LOUCA ESTÁ

FAZENDO AS DELÍCIAS DOS AMERICANOS

O inventor foi Ralph Edwards. Farto da banalidade das habituais emissões de Rádio, dispôs-se a fazer um programa diferente — um programa que fosse considerado louco, mesmo na América, em que as loucuras são o pão ótões de cada dia...
Ralph Edwards queria, de facto, um programa estranho, que desse brado, que fosse o assunto do dia entre os radiouvintes do seu país. E pode gabar-se de o ter descoberto!

O programa intitula-se «A verdade e as suas conseqüências», e a coisa passa-se assim — Quem quiser pode assistir, mas o locutor faz perguntas aos assistentes, e quem não responder a verdade sofre-lhe as conseqüências... As perguntas são fantásticas — verdadeiras perguntas de algebrista — e as conseqüências são as mais estranhas e engraçadas, no domínio da loucura.

Ralph Edwards é quem desempenha o difícil papel de animador do original programa, e desempenha-se da sua missão criando as mais inverosímiles situações.

As fotos mostram os resultados das perguntas que éte dirige aos assistentes: — Algumas das tais terríveis conseqüências...

Vamos, leitor! Confesse que gostaria de assistir a um dos programas loucos de Ralph Edwards!
Ao menos — pela atracção do perigo!...



Dois melões e duas cerejas que estabelecem confusão a esta senhora que tinha garantido não se enganar.



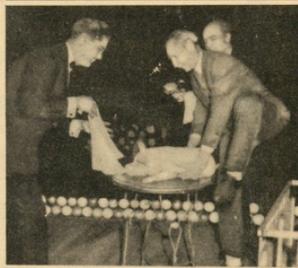
Este senhor que, quando lhe perguntaram se sabia tocar piano disse que sim, foi obrigado a tocá-lo de pernas para o ar!



Ele afirmou que era capaz de chegar tarde a casa e deitar-se sem acordar a mulher, e foi condenado a provar o que disse, com a pequena diferença da mulher ser substituída por uma foca!



Um marinheiro foi condenado a decorear a sua estrela de cinema predilecta — Janet Blair — a uma estenógrafa. O rapaz falou sem cerimónias, e só no fim soube que a estenógrafa era... a própria Janet Blair!



Um repoz solteiro foi obrigado a pôr uns ceiros... num leit-zozinho! Edwards, o inventor do «programa louco», segura o microfone.



1.000 dólares perdeu este cavalheiro, por ter apostado que dormia durante uma emissão que tinha como colaboradores alguns carneiros barulhentos.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

NOTICIOUSSE que estava em projecto a organização da Volta a Portugal em bicicleta. Mas não se disse quem eram os possíveis organizadores.

O assunto esbatou-se, porém, com o silêncio que em seu redor em seguida se formou.

Agora, todavia, podemos afirmar que a grande novidade que tão benéfica era, não só ao ciclismo como ao desporto nacional, já não se realiza, por razões compreensíveis: a impossibilidade de se conseguir o combustível necessário para os automóveis acompanhantes, material em abundância e relativamente barato para os corredores, e até mesmo condições de alojamento e alimentação daquelles — ainda que este sornorner não fosse totalmente insuperável.

Pertanto, a «Volta a Portugal em bicicleta» — o mais belo tónico desportivo português — fica um ano mais sem efeito. E é pena. Esperemos, contudo, que em 1946 a «Volta» torne a ser uma realidade.

Em substituição da «Volta a Portugal», para não se perder o gosto e manter os ciclistas em actividade, estudou-se a realização de uma corrida

JÁ NÃO SE REALIZA A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA...

no Sul do país, que será possivelmente denominada «Circuito do Sul». Uma espécie de prolongamento do Circuito do Oeste.

É natural que, quando estas linhas vierem a público, já o itinerário esteja traçado, tanto mais que a data prevista deve ser a primeira ou segunda semana de Setembro — caso, evidentemente, se não verifique abandono da ideia por motivos imprevisíveis...

... Mas o CIRCUITO DO SUL deve ser um factó

Pelo que conseguimos apurar, «Circuito do Sul» terá início em Casilhas, tomando o rumo do Algarve, onde tocará nos centros desportivos mais importantes, virando depois

para cima, seguindo até Almerim, onde se fará a passagem para a margem direita, em direcção a Sanarém. Da capital do Ribatejo até Lisboa haverá uma só tirada, satisfazendo deste modo as populações da provincia que mais famosos nomes tem dado ao ciclismo português.

Como se deprende do que acima dissermos, a corrida terá a duração de uma semana e nela participarão os melhores vultos actuais da nossa velocipedica e alguns estrangeiros.

O Algarve, de onde vieram Lidonense e Meilha, para só falar nos mais populares, deve receber jubilosamente a noticia, não surpreendendo que, mais uma vez, tudo faça para bem demonstrar quanto carinho vota ao ciclismo — uma verdade que nem sempre se recorda convenientemente, quando se fala do Algarve desportivo...

Que «O Circuito do Sul» passe ao campo das realidades, são os nossos desejos...

L. M.



O Guarda-rêdes ACÁCIO CORREIA

Ainda não tem novo clube!

POIS não tem, não senhor, embora os boatos que para aí correram o dissem já como certo, em determinação colectiva lisboense.

É verdade que um popular clube de capital. Mas não se passou ainda de palavras — simples palavras cruzadas...

A única, a autentica verdade, que Acácio Correia foi dispensado pelo Belenenses.

Para onde irá o antigo guardião da Academia de Coimbra? É difícil sabê-lo por ora, tão difícil que é próprio ignora qual será o rumo futuro...

Um problema o aflige: É seu irmão, o avançado centro Armando. Este jogador não foi dispensado pelo grupo azul, que assim pensa utilizar os seus préstimos. Ora, os dois irmãos, embora não sendo siameses, querem andar juntos, melhor, pretendem jogar na mesma turma.

Há uma certa lógica nesse desejo, que Acácio explana:

— Se estivermos em grupos diferentes, poderemos sofrer sérios dissabores quando jogarmos um contra o outro. Não haverá rubico em afirmar que eu deixei entrar uma bola rematada por meu irmão, para lhe fazer «jeito», como também o Armando terá falhado um stento por me ver nas rêdes e não querer «comprometer-me». Por isso, desejamos alinhar sempre pelo mesmo clube.

Simplesmente, não dá actual do problema a solução não se afigura fácil. Seria preciso que o Belenenses dispensasse também o avançado-centro Armando. Por ora, não se vislumbra essa possibilidade.

Até ao fim do mês têm de dar entrada na secretaria da Federação os pedidos de licença.

Acácio, embora não tenha ainda nenhum compromisso, está até certo ponto dependente do irmão.

Entretanto, as conversações proseguem, não só com a colectividade lisboeta, como também com duas da provincia, das bandas do Norte...

Como será resolvido o caso? Ficará cada um em seu clube, ou conseguirá reunir-se sob a mesma bandeira?...

Mais alguns dias, e virá a resposta. Enquanto, porém, ela não chega, Acácio Correia continua em rodagem!...



A frente da Casa Aguiar, L.^{da}, na Rua do Carmo

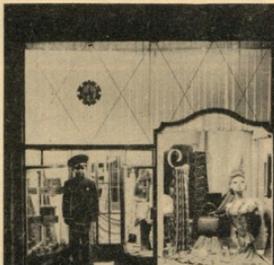
NUMA visita que fizemos há dias à Feira Popular, o grande espectáculo de Lisboa de que toda a gente fala e que chama diariamente a Palhavá verdadeiras multidões, fomos agradávelmente surpreendidos com a apresentação de um novo «stand», que pelo seu sentido moderno, de requintado bom gosto, constitue um dos mais sugestivos motivos de beleza e de arte desse parque de atracções. É o «stand» da casa Aguiar, Limitada, uma das mais modernas e importantes casas de modas de Lisboa.

Miniatura de linhas elegantíssimas, artisticamente executada, da frente da casa da Rua do Carmo, consegue nela ser tão feliz a combinação da exposição dos vários artigos apresentados com a suggestiva decoração e a própria luz, num conjunto de cor que deslumbra, que esse «stand» constitue, sem dúvida, o mais fulgurante cartaz dessa importante firma.

Esta ideia magnifica da casa Aguiar, Limitada, merece inteiro honrar. E o conhecimento de tal importância não podia, na verdade, deixar de fazer a sua participação num certame que, além do simpático objectivo beneficente de que se reveste, vem constituindo, nestes últimos tempos, o maior acontecimento da nossa capital. Casa que todo o mundo elegante de Lisboa conhece, especializada como pousa na venda de verdadeiras maravilhas em lãs, sédãs, meias, confecções, novidades e perfumarias — das melhores procedências e dos mais acreditados fabricantes, numa preocupação de qualidade que é só por si a melhor garantia do seu valor — a casa Aguiar, Limitada, é hoje um dos grandes estabelecimentos de Lisboa, absolutamente digno de uma grande metrópole europea.

A iniciativa de uma grande firma de Lisboa

O STAND DA CASA AGUIAR NA FEIRA POPULAR



Um aspecto do magnifico stand da mesma firma na Feira Popular



PARA OS FILHOS DOS PESCADORES E DOS MARINHEIROS

UM PARAÍSO DE ALEGRIA
E UMA OBRA DE
NOBRE ALCANCE SOCIAL
A COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
"PEDRO TEOTÓNIO PEREIRA"

QUEM passar pela estrada marginal para Cascalis, pelas alturas de Santo Amaro de Oeiras e olhar o Forte das Malas, velho bastião militar que o tempo transformou em pormenor decorativo, pode reparar, interessado, no assento do edifício, a sua restauração recente, mas não calcula, com certeza, que grande e generosa obra existe por detrás daquelas paredes graves, duma austeridade hoje desnecessária...

Ali se instalou, há seis anos, a Colónia Balnear Infantil da Brigada Naval—hoje Colónia Pedro Teotónio Pereira, destinada aos filhos dos pescadores, dos marinheiros e dos legionários navais.

E, até hoje, 3.150 crianças beneficiaram dum estágio reconfortante, com os prazeres do ar livre, o tratamento benéfico do sol e a certeza duma alimentação abundante e duma vigilância e cuidados que, em seus lares, poderá ser igualada mas não excedida.

A iniciativa da fundação da Colónia deve-se ao comandante Tenreiro, que conseguiu a cedência do forte, pelo actual ministro da Guerra, o tenente-coronel Santos Costa, ao tempo sub-secretário. Depois, o forte foi entregue pelo Ministério das Finanças e adaptado ao generoso fim a que se destinava.

O primeiro turno foi de cinquenta crianças. Hoje, os turnos são de cento e cinquenta e alternam-se, de quinze em quinze dias, os de meninas e os de rapazes.

As condições de trabalho são de excepção. Há, para as crianças, o carinho dos seus dirigentes, e hoje é difícil, de facto, ao visitante desprevenido esconder o seu espanto pelo que vê, e ao jornalista habituado a ver tudo arranjar palavras para descrever o que ali viu.

Antes de serem admitidas na Colónia, as crianças, filhas, como dissemos, de gente do mar—marinheiros ou pescadores—são submetidas a um exame médico.

Depois, na Colónia, os serviços estão montados de maneira a poder empregar-se, sem sombra de exagero, a palavra *trepanatória*.

Cada criança tem um número. E esse número está em tudo que lhe pertence: peças de roupa, pratos e chávenas, copo e escova de dentes, cama, toalha, lavatório—tudo, enfim, de que possa utilizar-se durante a sua estadia na Colónia.

A roupa que a criança leva quando chega ao Forte das Malas é guardada, e assim lhe é entregue findo o estágio. E cada uma tem um cartão seu e em tudo se nota um invulgar cuidado e um extraordinário assento.

Cerca de vinte empregadas, entre vigilantes, criadas, cozinheiras, etc., actuam dentro da maior disciplina, base dos excepcionais resultados que se verificam.

Os directores da Colónia são os mesmos desde a fundação, em 1938—seis anos de trabalho de luta e cansaço, dignidade de avaliar—a sr.ª D. Maria da Assunção Azambuja Cardoso e o sr. Manuel Augusto Barreiros.

Foi este director quem, amavelmente, nos acompanhou numa visita à Colónia. Sentiu-se que ele vive para aquilo, que aquela obra faz já parte integrante da sua vida e; ao falar dela, tem a expressão e o ar de quem fala dum filho.

Que é—que tanto nos pediu para não falarmos no seu nome—nos perdõe estas palavras. Mas até na maneira como as crianças e o pessoal fazem dele se adivinha o quanto aquele homem, generosamente, se dedicou a uma obra que vale um monumento de ternura e de bondade.

Percorremos, com ele, as várias diviões da Colónia e vimos o carinho com que se interessa por duas crianças que têm febre e recolhiam à enfermaria; por uma que apresenta sintomas de tosse convulsa e está no isolamento; pelo lanche que se prepara para as que estão na praia—por tudo, enfim, quanto se relaciona com o bem-estar e a saúde das crianças.

O dr. Morbey Afonso, médico da Colónia, é, também, um exemplo de dedicação e desinteresse.

As crianças não faltam uma atacada de apendicite durante o estágio, foi operada de urgência na Liga dos Amigos dos Hospitais, por intermédio da Colónia.

E é ver, aos domingos, a alegria com que as mães que não podem levar os seus filhos para a praia, os visitam e constata-

(Continua na página 16)



Aqui vemos Manuel Barreiros, director e alma da Colónia, conversando com o nosso redactor. Ele não queria deixar-se fotografar, mas teve de conformar-se perante o facto consumado...



As crianças na praia. Reparem na encantadora pequenita que está sentada no areio...

Sir Owen O'Malley — o Embaixador britânico... e da Grã-Bretanha, chegou, dia, a Lisboa, e era esperado por uma série de fotógrafos dos jornais, prontos para as suas máquinas. E o ilustre senhor, que é, também, um distinto diplomata, correspondeu ao gesto, sorrindo, e, próprio, os repórteres específicos.

As suas fotos mostram o novo Embaixador de Inglaterra quando fotografado por os fotógrafos e, a bordo do barco de Deixos em mangas de camisa, entre o ministro de Inglaterra, Askay Clark na época e o adido aeronáutico, tenente P. Shaw. A simplicidade e a característica principal do novo Embaixador, a simplicidade alicianante, onde não há nada de estudo ou de preparação, mas a sua sinceridade e simpatia.

E em algumas vezes a palavra simpática, em empregada, foi, com certeza, sendo referida ao novo Embaixador Inglês em Portugal.



Na Embaixada do Brasil realizou-se um banquete oferecido pelo Encarregado de Negócios do grande país irmão, Dr. Ribeiro Couto, às delegações das Academias das Ciências de Lisboa e Brasileira de letras, reunidas na capital portuguesa para ultimar os trabalhos da unificação ortográfica luso-brasileira.

NA FEIRA POPULAR foi prestado uma ilustre homenagem à Nação Americana

CONSTITUIU uma imponente manifestação simpática homenagem prestada, na Feira Popular, aos Estados-Unidos da América do Norte.

Nas fotos vêem-se o sr. Embaixador, dr. Herman Baruch e os convidados da mesa de honra, ovisitando, de pé, o filho americano; o sr. João Pereira da Rosa, ilustre director de 40 séculos, discursando, e um aspecto da assistência ao banquete.



JOSÉ ANTÓNIO

UM CANTOR EM EVIDÊNCIA NA RÁDIO, DEVE SER NA PRÓXIMA ÉPOCA O PROTAGONISTA DA ÓPERA "O CAVALheiro DAS MÃOS IRRESISTÍVEIS"



JOSÉ António, o simpático cantor da E. N., é a voz masculina que mais tem chamado a atenção do público radiofónico de há um ano a esta parte, ou seja desde que se estreou ao microfone como componente do quarteto vocal, então dirigido por Belo Marques.

Quando cantou pela primeira vez a solo, agradou em cheio. Estava ali uma intuição a cultivar. Depois... houve somente que continuar.

A sua voz tem um belo timbre, e possui uma notável plasticidade. No seu repertório há canções, canções de maior responsabilidade, e demonstrando as aptidões do cantor, a ópera começa também a ser-lhe familiar.

Conversámos com José António, rapaz simpatíssimo, afável e modesto, ao contrário de muitos outros, que se julgam os únicos ou os melhores do mundo.

—Sabe-me bem verificar os meus progressos e ver que o público me distingue com sinceridade. Mas não me envaldeço, porque V. não ignora que de «menino» Rádio pouco ou nada tenho. Sei até onde vão as minhas possibilidades e, felizmente, não me ludo, nem os meus pequenos êxitos me sobem à cabeça.

—Admira, evidentemente, os seus colegas...

—Decerto. Gosto de todos e não gosto de alguns. A minha maior ambição será cantar sempre e cada vez melhor; penso não me encostar à «sombra da barandela», que é, quanto a mim, um mau sintoma.

José António continua:

—Não pretendo impor a ninguém que me aprecie. O que pretendo, sim, é ficar satisfeito comigo mesmo. Já é alguma coisa.

—Diga-nos. Você, afinal, como se chama? José António ou José Teixeira?

O artista sorri:

—Eu chamo-me José António Teixeira. Na Rádio sou José António; na ópera sou José Teixeira. Uma ocorrência... ou talvez não!...

—V. já cantou, portanto, em S. Carlos...

—Já. A primeira vez foi sob a regência do dr. Ivo Cruz, como solista nas «Estações», de Haydn, e na «Paixão», segundo S. João, de Bach. Foram também solistas Marina Dewander Gabriel, Ana Bierman e Eurico Lisboa. Mais tarde cantei um pequeno papel na ópera «Ima de Castro», do maestro Rui Coelho, e, depois, sob a batuta dos maestros Pedro de Freitas Branco e Annovazzi interpretet, também, pequenos papéis no «Barbeiro de Sevilha», «Vida breve», «Bohème», «Noites de Figaro» e «Werther».

A sua vida de Rádio desdobrou-se assim no teatro lírico, o que não deve ser completamente do conhecimento do público, por causa da diferença dos nomes...

—Exatamente. Mas esse fato nenhuma relação me dá, porque, repito, o que desejo é continuar a estudar e a progredir. O resto é publicidade, que sendo muitas vezes útil, também tem com frequência os seus inconvenientes...

—Com quem tem estudado?

—A minha professora é Marina Dewander Gabriel, a quem estou muito grato, porque tem sido de uma grande educação...

—Projectos futuros?

—Há muitas coisas em perspectiva; como por enquanto nada é positivo, é melhor não «falar nisso».

—Insatisfeito?

—Dessa muito coisa, não se pode, ao menos, saber qualquer coisa? Hestação em José António. Um silêncio. Por fim, vencida a última reticência, José António decide-se:

—Tenho um convite do maestro Rui Coelho para fazer o protagonista da ópera «O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis», que é se propõe repór em cena.

E depois:

—Já disse mais do que queria: Todavia, posso ainda declarar que tendo interrompido os meus estudos por causa das cantorias, conto para o ano recomencar a estudar, para ver se me formo... antes de ser velho!...

Claro que José António, ou se quiserem José Teixeira, se há-de formar e continuará a cantar...

Os seus 26 anos permitem-lhe albergar todas as ambições e todas as esperanças.

Para já, porém, é conveniente, por justo, não esquecer o que dissemos de início: José António é um cantor em evidência na Rádio portuguesa. E o seu triunfo no recente concurso de Artistas da Rádio, da E. N., constituiu um galardão merecidíssimo à sua modestia e perseverança, dois predicados que nem sempre se harmonizam da melhor maneira!...

O Prémio Luísa Todt coube êste ano à cantora Judite Lupi Freire



JUDITE Lupi Freire, gentilíssima filha do nosso querido camarada João Lupi Freire, pelo seu formoso talento depressa conquistou lugar preminente no nosso exigente meio musical. Dotada de invulgar sensibilidade artística, ainda muito nova tornou-se senhora da difícil técnica pianística, havendo alcançado altas classificações no Conservatório como aluna das mais distintas.

Judite Lupi Freire não é só uma notável pianista; possivelmente voz de precioso timbre, sempre deu que possuir ser cantora de largo futuro, e, assim, em estudo metódico, principiou a realizar o seu sonho com entusiasmo digno de elogio.

A Ensiadora Nacional, com o propósito de revelar novos valores, instituiu o Prémio Luísa Todt, e, este ano, tal prémio foi conferido a Judite Lupi Freire, após brilhantíssimo concurso.

A distinta soprano-lírica presta provas que se podem considerar notáveis. A sua voz, igual em todos os registos, não só nos encantou pela pujança como ainda pela suavidade. Soube vencer com galhardia todas as dificuldades, e, assim, quer nos passos de agilidade, quer na dicção, mostrou-se artista perfeita.

Judite Lupi Freire não se repete: sentida a alma dos autores, consegue dar às obras a interpretação justa, e, por isso mesmo, variável.

(Continuação da página 17)

Para ilustrar tudo isto, Ramon Rogent, recorda-nos um episódio passado há anos com Cézanne, quando estava a sê-lo a luta entre impressionistas. Numa conversa entre artistas Cézanne, torturado pelo problema da construção em pintura, exclamou: — Construir, construir... Mas se se pode construir com a forma, também se pode construir com a cor!

Com esta frase êle tinha colocado o problema da construção, que mais tarde os cubistas com a forma, e os «fauves» com a cor clararam os seus movimentos de especialização. Cézanne, assim, antes dos movimentos do início do «fauvismo» tinha levantado os seus próprios problemas. Só agora, tantos anos decorridos depois, o problema foi colocado por Cézanne, e realizado por cubistas e «fauves» se poderá falar de síntese entre a forma e a cor. E este o caminho, incerto e com passos vacilantes, que os artistas de hoje precisam resolver. Apesar de tudo, estes problemas são hoje resolvidos empiricamente. A sua solução será encontrada nos artistas que, conhecendo o problema, lhe dêem uma solução natural, uma solução artística.

Nestas intermináveis «charlas» notámos que Ramon Rogent nunca falava na experiência «surrealista», e propositadamente, fálmos dela. A expressão em símbolos literários, não trouxe, quanto a Ramon Rogent, nenhuma experiência ao pintor. A pintura, o Surrealismo não trouxe problemas a resolver — tudo nêle são sentimentos do artista; e tanto maior quanto mais «puros» êles forem dados.

Contudo, observámos, as grandes pinturas murais, usadas e pintadas em lugares públicos, em nações progressivas, utilizam a experiência «surrealista» e mesmo julgamos que sem o jogo de símbolos o pintor não resolveria problemas que é obrigado a resolver. A isto respondeu Ramon Rogent que a pintura mural é sempre uma pintura de encomenda, que o artista resolve os problemas técnicos da sua arte, mas dirigida a sua composição. Nisto nunca o artista atinge o «pathos» necessário à obra de arte.

— Mas, Miguel Angelo? — interrogamos.

Ramon Rogent respondeu rápido: Miguel Angelo, quanto a mim, não foi pintor — mas mesmo nos seus frescos, um grande escultor.

Aqui ficam estes apontamentos. Mas para nós, profanos de arte, subsiste o problema que os artistas terão que resolver, porque o imperativo da evolução histórica a isso os obrigará — a transposição da obra de arte para os grandes aglomerados urbanos e públicos.

E no meio destas «charlas» falou-se de Paris. Ali vive Ramon Rogent; ali aprendeu muito da sua arte; ali conviveu com artistas de que hoje se fala. Uma pergunta nos safou — se Paris continuaria a ser o centro polarizador de Arte e Cultura.

Depois da crise que a França atra-

vezes, e de que necessariamente há-de sair, diz-nos Ramon Rogent, pelo menos para a pintura, Paris continuará a ser o centro de artistas.

Objectámos: Mas a história não nos esclarece que os grandes centros económicos se transformam em centros culturais? O caso de Atenas não é elucidativo? Atenas só se transforma num grande centro cultural, depois que o seu comércio é o primeiro do mundo Mediterrânico. Não se sente hoje agitar 2 ou 3 grandes capitais os problemas políticos e económicos do Mundo? — A América do Norte, centro de riquezas mundiais não está sendo um simão que atrai o melhor daquilo que a arte e a cultura europeia tinham até à guerra?

— Tudo isto é certo. Porém, é ainda a Europa o centro criador do mundo. Este continente atravessa uma das maiores crises — dela se sairá. Lembra-se do que dissemos atrás: de que na pintura caminhamos para uma grande síntese. A Europa, como a pintura, encontrará a sua síntese. Será o seu renascimento. E Paris, a ser assim, tem já as suas tradições — e essa cidade maravilhosa voltará a ser a encruzilhada de todos os europeus, de todos os hominets.

Preguntámos, ainda: E o México? Não se está ali hoje a desenvolver um largo movimento de renovação artística, que não pode passar despercebido aos artistas de todo o mundo?

— Sim, respondeu-nos Ramon Rogent. Eu mesmo gostaria de viver os entusiasmos, as disputas, as contravérsias que os problemas de Arte ali suscitam. Deve ser um meio propício ao desenvolvimento artístico. Um dia, nestas minhas peregrinações de artista, ali apontarei.

Depois continuou.

— Repare bem. O artista tanto mais se valoriza, quanto mais vida. Novas gentes se conhece; novos problemas se colocam; novos temas surgem. Não imagina o que represento a minha vinda a Portugal. Problemas de cor, aqui os resolvei; isto independente do convívio que me foi dado ter com os vossos artistas, com alguns dos vossos intelectuais, com o vosso povo.

— Mas, interrogámos, considera de tanto interesse a sua estadia em Portugal?

— Vejo. Uma coisa que me chocou foi um sentimento Mediterrânico de Portugal. Coisa curiosa: Sendo o vosso país um país atlântico, êle conserva a vida, o ambiente das grandes nações da margem norte do Mediterrâneo — dêsse Mediterrâneo berço de civilizações, e das mais variadas e ao mesmo tempo homogêneas culturas. Alguns quadros aqui pintei: são esboços que me sugeriu novos trabalhos.

E com entusiasmo disse-nos: se a obra é a humanização da vida; se é a mais elevada maneira de os homens se conhecerem, precisamos, sobretudo os artistas, de viajar, de termos conhecimentos uns com os outros, de discutirmos os nossos problemas. Em Barcelona eu espero os artistas portugueses.

Horas e horas tinham passado. Do seu atelier em Lisboa, Lisboa estendia-se diante de nós. Não essa Lisboa anedótica, turística e pitoresca que todos os dias visitam. Um quinto ponto do artista ali estava — o Sol dourado de Lisboa, as suas árvores, as suas ruas. Não era a Lisboa do charafiz bonito, da velha casa pitoresca. E uma Lisboa que lembra um poema escrito de Cesário Verde — e Ramon Rogent des conhece o poeta.

MANUEL OLIVEIRA

A BOMBA ATÓMICA

(Continuação da página 15)

É ainda muito cedo para se poder afirmar que se chegou à fase da realidade raramente é superior aos resultados ou às primeiras expectativas, quer sejam boas ou más.

Porém, se desta vez for superior, à ameaça de destruição suspender-se, por débil que seja a Humanidade até se poder garantir que a guerra se tornou impraticável.

Isso só pode acontecer em resultado duma modificação radical no espírito humano. Até a este momento, devemos confessar e reconhecer: ter-se revelado muito poucos talentos nestes sentido, mesmo nas últimas conferências destinadas a assegurar a futura paz do Mundo...



O presidente Truman, ao piano...

BOM HUMOR

MUSICAL

Os leitores devem ter visto nos jornais: — em Potsdam, numa reunião de tanta transcendência, o Presidente Truman, a certa altura, sentou-se ao piano e tocou, para os outros d'os grandes, um *minuete* famoso; em Londres, na Câmara dos Comuns, ao ser eleito novo *speaker* da Câmara, o coronel Clifton Brown, os deputádos conservadores levantaram-se à entrada de Churchill e cantaram, em cântico, a canção «For he is jolly good fellow», ao que os trabalhistas logo replicaram, entoando, estrondosamente, a «Canção da bandeira vermelha».

Começa, assim, a encetar-se a «política por música», hodierna invenção que decididamente muito pode facilitar as relações entre os povos...

E, então, será um encanto ler as futuras notícias do estrangeiro: «Reúniram-se, entem, os embaixadores dos países X e Y. O primeiro desafiou o segundo a ir para a guerra a seu lado, cantando-lhe: «Ven, ven val tu, ora val tu, mim», ao que o outro respondeu com o «Ora val tu, ora val tu, ora val tu...».

Parce, porém, que outro país está disposto a entrar no conflito, ao ser eleito novo Ministro, cantou «Rapazada, chega-lhe agora», e já há dias o seu embaixador tinha entoadado «Ai bate bate...».

Vai ser um encanto, esta nova modalidade de reuniões, e certamente os músicos profissionais muito vão ganhar com o caso, porque, daqui a pouco, os grandes chefes mundiais não dispensarão acompanhamento. E teremos um a cantar com uma grande orquestra de jazz, outro acompanhado a balalaikas, e só algum, mais económico, se contentará com acompanhamento à guitarra...

Uma grande ideia esta dos «sketches» politico-musicais!

Uma grande ideia — e uma esplêndida oportunidade para se ver quem tem, afinal, mais *garanta!*

O Sr. Truman já deu o exemplo, tocando o *minuete*.

Falta o sr. Atlee cantar, e não estamos longe de saber que já se entoucou por lá o *Barqueto do Volga*.

A. N.

AGUARDENTE VELHA

Neposot

a prova está na prova.

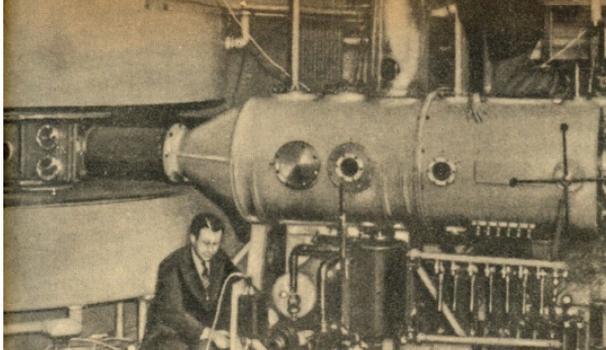
UMA DRENADORA

POR CORRESPONDENCIA, PLECA FILMOTOS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO

A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - 9080

A BOMBA ATÔMICA, O ASSUNTO MUNDIAL DO MOMENTO



O dr. E. O. Lawrence, outro Prêmio Nobel, dá os últimos retoques num cyclotron de 225 toneladas, usado no laboratório da Universidade do Califórnia, para a desintegração dos átomos.



“ISTO OU É O FIM DA GUERRA OU É O FIM DO MUNDO!”

DIZ UM JORNAL AMERICANO



«Sir George Thompson, presidente da Comissão de Cientistas que produziu a bomba atômica.



Professor J. D. Cockcroft, de Cambridge, o primeiro homem que, antes da guerra, conseguiu realizar a desintegração atômica.



«Sir Charles Darwin, director do Laboratório Nacional de Física, onde se realizaram os principais trabalhos.



«Sir James Chadwick, Prêmio Nobel e professor de Física do Universidade de Liverpool.

Um jornal norte-americano ao fazer os seus primeiros comentários sobre a bomba atômica, afirma desasombrosamente: «isto ou é o fim da guerra ou é o fim do mundo.»

Todavia, embora diga muito, esta frase ainda não diz tudo. Na verdade, com a descoberta da bomba atômica não há alternativas, por que o dilema tem duas conclusões verdadeiras.

Durante toda a história das guerras, a Humanidade tem assistido ao desenvolvimento, umas vezes rápido, outras vezes vagaroso, do poder dos projéteis: a pedra arrojada por forças elásticas, a seta, a bala impulsionada pela pólvora, a granada explosiva, a bomba lançada pelo avião, o próprio avião utilizado como bomba, etc.

Depois disso, muitas vezes se profetizou que a próxima descoberta da ciência conduziria a alguma coisa muito semelhante à destruição da Humanidade. Provavelmente, esse momento chegou agora...

É certo que em alguns casos, os resultados têm sido surpreendentes. Os amadores de estatísticas estabeleceram, mais que não seja para satisfação dos seus próprios cálculos, que o potencial da pólvora tinha tendência a fazer decrescer a percentagem de baixas nos campos de batalha.

As novas armas encontraram sempre novas formas de defesa e novas medidas anti-táticas. Não há dúvida alguma que a destruição das obras realizadas pelo homem, especialmente as cidades, aumentou consideravelmente, num ritmo espartano.

No entanto, na actual guerra, a aurora dos métodos de destruição que excederam de longe os até hoje conhecidos, só raiou na altura em que os inimigos da Alemanha estabeleceram completo ascendente sobre o militarismo nazí e o favoreceram a vergar sob o peso do irremediável, após vários anos de ferozes e sangüinolentos combates.

Tendo em atenção o que veio a público até agora a respeito da bomba atômica, a última criação da ciência destruidora, é extraordinariamente maior do que todas as suas predecessoras. Por enquanto, deve-se ainda reservar quaisquer opiniões sobre os efeitos totais da nova descoberta, porque, seja como for, aqueles de que já tivemos conhecimento não são, segundo parece e tudo indica, a última palavra.

Promete-se, imediatamente, ao mundo, aquilo a que ironicamente se chama uma forma aperfeiçoada... Se a bomba atômica já realiza aquilo que se proclama aos quatro ventos, não só representa a destruição numa escala localizável, mas também é uma arma para a qual não haverá réplica.

No campo da estratégia, a influência da descoberta da bomba atômica é também incalculável. Para esse fim, basta dizer o seguinte: até à véspera do

dia em que foi anunciada a existência da bomba atômica, o problema da defesa e da passagem do Estreito dos Dardanelos era considerado da maior importância para o mundo, apesar dos grandes aperfeiçoamentos por que passaram as armas de guerra.

Hoje, já não se pode, de modo algum, dizer o mesmo. As bases navais e aéreas transformaram-se pura e simplesmente em meios de segurança secundários. As fronteiras tornaram-se uma convenção ainda de importância muito mais relativa do que tinham até aqui. Assim, todas as outras medidas estratégico-militares são subsidiárias perante aquelas que se encontram no segredo da nova arma e que têm por incumbência de condicionar a sua utilização de modo a transformar o homem em senhor, e não escravo da energia atômica.

(Continua na pág. 11)



O Professor Niels Bohr com o aparelho onde realizou a desintegração dos átomos. Este sabia fugir do Dinamarque em 1942.



Durante este mês
grande venda de
retalhos

Carros que servem a casa
CRUZ

DUQUES DE ÁVILA
SALDANHA
S. SEBASTIÃO
CÁRMO
ALMIRANTE REIS

Paragem junto à Av. 5 de Outubro



Como teria sido morto Joaquim Ferreira

(Continuação da página 19)

zer — em duas versões. Uma, evidentemente, de mulher, coisa passional. Outra, pelo contrário, um caso absolutamente de negócios ou trabalho. Como se tem dito, Joaquim Ferreira, durante a guerra, teve actividade comercial no mercado negro. Sabe-se que essa gente não perdona... Acrescente ainda o caso de ter sido fiscal dumhas obras de empreitada. Qualquer operário — com o ódio crescente que às vezes se nutre pelo capataz — poderia ter-se vingado de qualquer represália... Resumindo acho que é um caso de vingança.

Um motorista que acredita numa extraordinária vingança



Foi o primeiro que encontramos, entre tido, no Rossio, junto do «táxi», a ler as notícias do crime, no jornal da manhã.

A nossa pergunta, olhados surpreendido, respondeu: «Depois, quando lhe explicamos que era um inquérito jornalístico, mais confiante, atirou: — Acho que isto é um grande mistério — que ficará, talvez, sem se descobrir. Ninguém vai assim, às duas da manhã, mesmo com uma mulher, para o Parque Eduardo VII. Não é sítio convidativo... Depois, para se roubar um anel, um relógio e umas centenas de escudos — não é preciso matar um homem com aqueles requintes...»

— Mistérios — enfim, mistérios...

MILU

(Continuação da página 4)

a bordo. Canção lindíssima, por tal sinal, que se deve a um autor português. No filme de Artur Duarte — que se intitulará, possivelmente, na sua versão portuguesa, «Quatro» — bolvas para umas noivas — tomam parte Estêvão Amarante, Erico Braga, Oscar de Lemos, o galão espanhol Gilos e a artista Ana Maria Campoy, que é a principal intérprete feminina do filme luso-espanhol «O Diabo não Ela».

No entanto, a nota sensacional do elenco é dada pela presença de Mild, facto que vai ser recebido com alvoroço por todos quantos não se resignavam com o afastamento dos estúdios daquela que é, indubitavelmente, a artista com mais possibilidades que até hoje apareceu nos quadros da cinematografia nacional.

A COLÓNIA BALNEAR INFANTIL "PEDRO TEOTÓNIO PEREIRA"

(Continuação da página 11)

os benéficos efeitos do magnífico tratamento da Colónia. António Vaz, que nos acompanha na visita, e gentilmente nos cedeu estas fotos, que foi fazendo à maneira que percorremos as várias dependências da Colónia, está, como nós, encantado com o que vê. Este ano, a acção da Colónia foi alargada aos filhos dos trabalhadores do mar das Casas de Pescadores de todo o país, tais como Tavira, Faro, Olhão, Portimão, Lagos, Figueira da Foz, Aveiro, Vila do Conde e Viana do Castelo.

Leitor: se passares na estrada marginal, por alturas de Santo Amaro de Oeiras, para no *Fortal das Meias* e terá ocasião de ver uma obra magnífica e consoladora. Ela deve-se, principalmente, ao comandante Ferreira, a D. Maria da Assunção Azambuja Cardoso e a Manuel Barreiros.

Mas ela é, acima de tudo, uma cabal demonstração de que, na nossa terra, já se tomam a sério os graves problemas da protecção à criança filhos do povo trabalhador, futuro esperança dumha raça.



ASSEGURA O FUTURO
DOS FILHOS. O SEGURO

EDUCAÇÃO DA
IMPÉRIO



COMPANHIA
DE SEGUROS

RUA GARRETT, 56
LISBOA

IMPÉRIO

MEDICINAL
PASTA COUTO
TRATA
gengivas doencadas
ou sangrentas
EVITA
estomatite mercuriais
ou bismuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Velga pequena — tubo 1\$00
Velga grande — tubo 7\$00



Vende-se nas Farmácias e Drograrias
Depósitos: Cada caixa 3\$00
Lisboa — Largo do Contador Mor, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108

MATITÉ
PÓ DE ARROZ
MATITÉ
Protege a sua cutis do sol

MATITÉ — sem talco — verdadeiro prodígio de embelezamento feminino, é o pó de arroz adequado para fazer realçar as linhas graciosas da mulher. Preparado cientificamente, é magnífico para todas as peles.

L.T. PIVER

Inscrição para o filme "Matinée às quatro"

Nome

Idade Profissão

Morada

Desportos que pratica Habilitações literárias

Sabe cantar? Que género?

Sabe dançar? Que género de dança?



COMPOSIÇÃO



ESTEVE em Portugal um grande pintor. As exposições que realizou em Lisboa e no Porto, alcançaram êxitos poucos vulgares — pouco vulgares se se tomar em conta que não se trata de um pintor académico, mas de um artista moderno, na sua expressão formal. É ainda um rapaz — 25 anos. Espanhol de nacionalidade, o que choca, impressiona na sua obra, quer na paisagem, no retrato, na composição, é a cor, é um equilíbrio de forma; é um sentimento, umas vezes pagão e alegre da vida, ou lírico, mas de um lirismo equilibrado e doce. Não é um pintor espanhol — é um pintor catalão. Nas suas paisagens não se encontra o sol escaldante, a imensidade perdida das terras de Castela, da Extremadura, da Andaluzia. Não. Na sua paisagem predomina o azul do Mediterrâneo; o verde variado da terra rica de húmus; o azul celeste das águas do mar — dêse mar que não

temos nas telas dos pintores do centro da península. Nos retratos, nas composições, tudo é doce, suave, banhado por uma cor que só os artistas do Mediterrâneo nos sabem dar — não há os escuros dum Grego, dum Velasquez, e, mesmo, dum Solano. Ramon Rogent, não é um pintor espanhol — é um pintor Mediterrânico.

Mas falar da arte de Ramon Rogent é difícil. É difícil, porque passando-se horas apaixonadas a ver os seus trabalhos, a nota que nos fica é a da variedade, da ascensão, do drama do artista, da sua honestidade, que se procura, que luta entre técnica e a criação na sua arte. Se admirarmos trabalhos de há quatro ou cinco anos, eles são agradáveis, são mesmo grandes — sentese nêles os rasgos generosos da juventude, mas que ainda não atingiram aquele equilíbrio técnico que já se vê nas suas últimas produções. Nos primeiros tudo é ingenuo e simples; nos segundos, tudo é ponderado, medido, trabalhado. Dizer que Ramon Rogent já é um pintor que atinja a sua maturidade artística, seria mentir. E este artista excepcional seria o primeiro a não nos perdoar. Dizer que pela evolução da sua obra, como pela inquietação que o anima, nos leva a esperar, que daqui a alguns anos, velamos nele um dos grandes artistas peninsulares será a verdade. E este é o seu maior elogio.

Foi-nos dado conviver e conversar horas intermináveis com este artista. Algumas interrogações e perguntas quizemos trazê-lo a público, pelo interesse que despertam.

Sobre a discussão levantada à volta de uma série de escolas, (cada uma convenciada de um fim em si) acha Ramon Rogent que algumas delas foram úteis. O «fauvismo» trouxe os paradoxos da cor; com ele os pintores enriqueceram-se, simplificando as suas paletas. Com o cubismo, encontraram equilíbrio de volume, a geometria da composição. O que se está actualmente a dar, entre os artistas, é uma síntese dessas duas escolas, dessas duas técnicas — e isto será uma grande conquista, um estádio superior, que se atinge na história da pintura. E o drama da criação artística não parará, quando chegar a este gládio, ele continuará, com os novos problemas, com novas perspectivas, com novas sínteses.

(Continua na pág. 14)



RETRATO



TOSSA DE MAO (CATALUNHA)



PAISAGEM



DECORAÇÃO MURAL: A HISTÓRIA DO VINHO

O TRATAMENTO DO "VELHOTE"

PARA PODER SAÍR À RUA

O carro de V. Ex.^a já chegou a idade avançada e o que lhe vale são os cuidados com que o tem tratado até aqui — cuidados que dia a dia hão-de aumentar, como é natural.

Para proteger o motor, as transmissões e o chassis contra o desgaste prematuro, recomenda-se a lubrificação especializada MOBIL-OIL-VACUUM. Mas, quanto aos pneus, por exemplo... veja V. Ex.^a o que convém observar para que eles durem o mais possível:

- 1.º — Verificar a pressão dos pneus uma vez por semana, pelo menos.
- 2.º — Não fazer travagens rápidas e manter os travões bem afinados.
- 3.º — Fazer as curvas com cuidado, evitando derrapar.
- 4.º — Passar devagar sôbre os carris ou qualquer desnível.
- 5.º — Manter as rodas bem alinhadas.
- 6.º — Manter a direcção sem folgas.
- 7.º — Trocar os pneus traseiros pelos dianteiros, para igualar o desgaste.



GARGOYLE



Mobiloil

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

2053



UM INQUÉRITO DE "VIDA MUNDIAL USTRADA"

COMO PERIA SIDO MORTO

Este deve ser um dos últimos retratos de Joaquim Ferreira. O mologrado detprietista assiste a um morte de futebol

JOAQUIM FERREIRA?

DEPÕEM:

O ilustre advogado Ramada Curto, os jornalistas Belo Redondo, Tomé Vieira e Augusto Cordeiro e o repórter-fotográfico Ferreira da Cunha

O Dr. Ramada Curto afirma: "Neste crime não sefez nem defesa nem parte acusadora."



com as minutas, que ele nos respondeu, prontamente, com a ironia e a subtilidade do seu requintado espírito de artista: — Penso unicamente isto: desse crime que vem apaixonando a opinião pública, é que não serei nem defesa nem parte acusadora...

— Nesse caso interprete como quiser...

Tomé Vieira, repórter-detec-tivo, pensa que a vítima foi atraída a uma cilada por uma mulher



— Joaquim Ferreira foi atraído a uma cilada. O móbil do crime foi o roubo. Só para roubar se usa a navalha traçojeira e perversa. Se fosse um desforço — uma discussão de ódio acido, dum homem da sua categoria a arma seria a pistola. Só o ladrão, o fãta, ando de faca no bolso. A mulher poderia ter sido um simples intermediário para essa cilada — até sem o saber...

O jornalista Belo Redondo vê no crime uma caso de viangaça



— Belo Redondo tem escrito, com mais vivas páginas do crime. Escritor de largo raciocínio. É no Diário de Notícias, o homem de trabalho, que com alguma parte da acção do selvático como foi o mologrado Joaquim Ferreira. Não

deve andar fora disto, pois, uma mul-

— Como vê, pois, a hipótese mais verosímil?

— Possivelmente, o detprietista foi abalado quando a para casa por qualquer indivíduo que precedeu para uma vingança. Valente como era, Joaquim Ferreira não teve receio de se embrenhar no Parque Eduardo VII, onde não passa vivalma, para um desforço. O outro, porém, é que lhe não deu tempo — vibrando-lhe os golpes que, na luta e na defesa, o detemido trelnador do Sporting ia apurando.

Augusto Cordeiro, o mais antigo repórter de Tora, diz-nos que ele deve ter sido assaltado por quatro meliantes



— Augusto Cordeiro, é dos repórteres mais antigos de Lisboa. Tem feito a sua carreira no gabinete do Talor, sempre entre o crime e a baldria das investigações. Conhece tudo a dedo, com a longa prática da sua extraordinária vida de repórter do crime, há mais de 50 anos. — Joaquim Ferreira — diz-nos logo com uma certeza de profeta — foi assaltado por quatro meliantes. Não é o primeiro caso que se dá. Evidentemente que houve uma mulher no caso. Isto mesmo já está assente.

Foi no Parque que eles lhe apareceram. Possivelmente instituíram-se agentes de autoridade. Valente como era, Joaquim Ferreira não quis deixar de dar réplica. E foi assim que ele veio a cair aos golpes da navalha.

Estas quadrilhas de sarrebatens costumam disfrazar-se. Alguns vestem-se de soldados para, mais à vontade, andarem nos roubos de cartelas e porta-moedas, nos selváticos. Acerto, pois, a versão dum assalto para roubo, absolutamente ocasional, sem cilada.

O repórter-fotográfico Ferreira da Cunha acha que no crime devem existir razões de negócios do mercado negro



O primeiro repórter-fotográfico a chegar ao Parque foi Ferreira da Cunha, com a sua objectiva sempre pronta a flagrantar os oportu-nismos.

— A este fotógrafo, sempre dinâmico, em movimento, se devem algumas das mais curiosas fotografias que documentam a sociedade portuguesa nos últimos anos: — Acreditado — começa por nos di-

(Continua na página 16)

LISBOA vive uma hora de dolorosa e inquieta incerteza, presa no envolvente mistério da morte de Joaquim Ferreira, o jogador internacional que foi idolo das multidões desportistas.

Começou em Setúbal, no Vitória, a vida do mologrado desportista. Fugoso e valente, a equipa do popular clube do Sado deve algumas das mais brilhantes vitórias à classe do grande jogador que, mais tarde, veio a encontrar a morte, parece que na ponta traçojeira duma navalha, em circunstâncias selváticas, no amplo e silencioso descampado do Parque Eduardo VII — uma emaranhada fútilica no proprio coração da cidade, á população e ao treinador do Sporting disfrutava nas camadas desportistas trauze logo, mal á noticia se tornou conhecida, uma crescente angústia. Porque trauze assim associando um homem com requintes selvagens, num local sem policia, onde não é possível haver indícios?

A opinião pública forjou logo os mais inverosímeis romances. Os jornais, todos os dias peidos de telegramas da guerra, onde os homens morriam dos militares — sem conseguirem arripir a sensibilidade do leitor, apressado e distraído — tiram logo, no caso diste infortunado desportista, as parangonas dum morbido folhetim, apaixonante e vivo, capaz de ser lido — nas terras onde só o regedor sabe soltrar — pelo mais avizoso admirador de Gutenberg. Detectives amadores, de cochinhos enfiarudados, olhos míopes de linca, decidio e audácia de burgo provinciano, andaram logo pelo Parque a meter o nariz em tudo, com o ar convulso de que ainda não-de encontrar o assassino accorrido numa noite, afilando a navalha homicida.

De positivo, porém, nada. Sabe-se que Joaquim Ferreira, nessa noite, fóra visto numa esplanada da Avenida, há por volta de 1 hora. Possivelmente, ao retirar-se para casa, encontrou algum que o desencaminhou do seu trajecto.

Mulher? Possivelmente. Tregando a longa Avenida, chegou ao Parque. Ai, no escuro da noite, certamente viu que tinha sido atraído a uma cilada. Alguém, á traição, o pretendeu subju-gar. Mas Joaquim Ferreira, forte e quasiotido, deu réplica. Os seus pulsos foram as únicas armas. Lutou. Mas eis que na escuridão ele vê lampear a lâmina duma navalha: num salto bruto, recua.

O seu adversário avança. Praqueja-se. Nem vivalma. Há apenas all um homem que vai tombor sob o apo trauze da mais cunilha e perversa arma de que os focineros se servem. Um golpe certo atravessou-lhe o coração. Já o roupo, empastado de sangue e de luta, está num frangalho, ás tiras. E depois?

O assassino arranca do dedo o anel; roubo-lhe a carteira, o relógio — e, possivelmente, arrastado como um farrapo até o deitar numa clareira onde, de manhã, foi encontrado.

Mais ao longe há um automóvel abandonado. Nada tem com o crime. E se tivesse?

Se Joaquim Ferreira tivesse ido ao Parque com uma dessas raparigas que vão para todo o lado — e, por acaso, tivesse visto essa quadrilha de meliantes que infestam a cidade, a roubar do automóvel o aparelho de telefonia, que foi a única coisa que tiveram?

É natural que ela, levando o automóvel para aquêle descampado, pretendesse fazer maior roubo do que um simples aparelho — os pneus, peças do motor, tudo, enfim, que fosse fácil rapinar.

É bom não esquecer que a lula começou junto do carro. Ao serem descobertos, a quadrilha eniu sobre él. Quem sabe? Há tantas hipóteses. Vejamos o que nos dizem, porém, algumas das pessoas que mais de perío lidam com o crime.

As suas opiniões são estas: É o leitor, certamente, lerá as suas; confronte, e veja, pois, este logo de raciocínio enfiado e mistério não fór esclarecido pela mão da policia.



ROMANTICISMO

ELE — Não te esquecerei; mas mandar-te-ei dinheiro de vez em quando.

ELA — Pois, sim. Mas muito a miúdo, porque sem as tuas notícias não posso viver.



EM CASA DO «CRUZADISTA»

— Diga-nos, depressa, a palavra chave para abrir o cofre.

— Rio da Sulça. Tem cinco letras.



OPERAÇÃO CIRÚRGICA

O **MARIDO** — Doutor, dou-lhe quinhentos escudos se se ceter também a dóca.



NO RESTAURANTE

— Diga ao dono da casa que este filete é uma porcaria.

— Tem que esperar um pouco. Há cinco pedidos antes do seu.



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

DAMAS

(Secção espanhola)
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROMETISTAS DE «DAMAS»

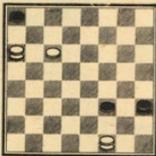
COMPOSIÇÃO N.º 67

(Final artístico)

«Las Provincias», 17/5/945

(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Sheik Sepia VI»

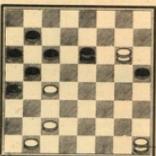


Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 32

Por José António Baptista Afonso (Caminha)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 31

11-15	2-5	14-18
31-9	9-2-20-27	3-13-22-15

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 31 (Concursos)

Por Rocanoli (Nelas)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — As que prejudicam. 2 — Qualidade do amoroso. 3 — Conjunção; ataca. 4 — Período de tempo; abrigo; dignidade militar turca. 5 — Estira; ocasião; o mais. 6 — Acacia; une. 7 — Regenerantes. 8 — O Inferno; extinguidor. 9 — Cauce das gramíneas; venerava. 10 — Jornada; vem à tona; deseja. 11 — Espécie de milho da Índia; mentira; aspecto. 12 — Rogar; língua árabe. 13 — Sádica; fruto do Brasil; altares.

VERTICAIS: 1 — Mortos. 2 — A que numeram. 3 — Contr. de preposição e artigo; oxidara. 4 — Íntima; amiba; alicia. 5 — Mamífero anfíbio; espaço de tempo; atmosfera. 6 — Infrascível; liga. 7 — As que têm compaixão. 8 — Cruzateco de água doce; afiançar. 9 — Mencionado; dividirá em tocos. 10 — Composição poética; aperfeiçoar; falda. 11 — Singular; realçar; transferir. 12 — Arma mais curta que o punhal; lincudo do Brasil. 13 — Dado que; iguala; andé.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 30

HORIZONTAIS: 1 — Repararam. 2 — Elaboradora. 3 — Vilosidades. 4 — Amagor; caética. 5 — Litigarem. 6 — Inanes; edil. 7 — Dala; namorar. 8 — Adiremos; are. 9 — Vozes; alarem. 10 — Arame; varejo. 11 — Mares; araras. **VERTICAIS:** 1 — Revalidavam. 2 — Eliminadora. 3 — Palatalizar. 4 — Abominarem. 5 — Ro; se; geneses. 6 — Ericas; amava. 7 — Cadu; remolar. 8 — Edace; donara. 9 — Rodim; ira; rer. 10 — Arv; solaraja. 11 — Mav; asarem.

SOLICITISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS
Hermínia Fologosa (Lisboa), José da Silva Campos (Guarda), Eurico Machado (Lisboa), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), António Hédio Assis da Veiga (Lisboa) e Seven (Avelro).

8-22-31-24

P. ganham.

1.º CAMPEONATO POR CORRESPONDÊNCIA DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Resultados da 1.ª Eliminatória

Série E

Vencedor: José Pereira Baptista (Lisboa).

Eliminados: António Lopes (Ovar) e José Trindade Martins (Vila Viçosa).

(Continua)

XADREZ

PROBLEMA N.º 6

Por: Dr. E. Zepler



3x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5

1. e2—g3.

CHARADAS

SINCOPADAS

1) Implorar nas não lutar. — 3-2.

Viseu Dr. de Cabresto

2) O milionário fica doente quando sofre um rumbó. — 3-2

Viseu J. Correia

3) A boato falso não traces rumo. — 3-2

Viseu Dr. de Cabresto

4) Censura jocosa, é remédio que não cura. — 3-2
Viseu Dr. de Cabresto

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 9/8/45

1) Simões. 2) Pagodear. 3) Paciência. 4) Vivas.

PASSATEMPO

ANAGRAMAS

Com as letras a seguir designadas formar:

1) Uma das províncias portuguesas:

MESTRE DA RUA

2) Cidade de França:

PUA

3) Um diário português:

RAUL PODIA PIOR

4) Uma cidade portuguesa:

GRELE PORTA

5) Povoação da outra margem do Tejo:

ALDA MA

6) Uma das províncias portuguesas:

VERGA LA

VEJA SE DESCOBRE...

A PASSAGEM DO CANAL

Num canal muito estreito, pelo qual só pode passar um barco em uma ou outra direcção, existe uma pequena enxada que se utiliza para que, servindo de abrigo a um diel, os dois barcos possam atravessar.

Mas desta vez entraram dois barcos por cada lado. Como se arranjaram para atravessar, tendo em conta que na enxada só cabe um barco?

Para facilitar a solução, designamos com as letras A e B as duas zonas do canal, indicando

ZONA A E ZONA B

C1 C2 D1 D2

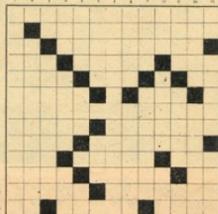
os dois barcos que vêm da zona A para a B por C1 e C2 e os que vêm da zona B para a A por D1 e D2. A enxada é indicada pelo letra E.

SOLUÇÃO DOS ANAGRAMAS PUBLICADOS EM 26/7/45

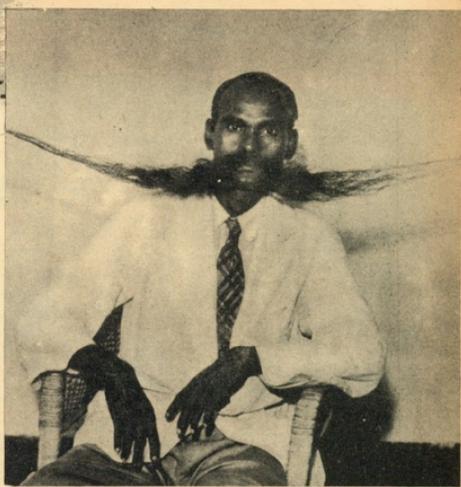
1) Mónaco. 2) Florença. 3) Bolonha. 4) Nápoles. 5) Ancona. 6) Tarento.

SOLUÇÃO DOS ANAGRAMAS PUBLICADOS EM 9/8/45

1) Odvelas. 2) Luso. 3) Colares. 4) Pedrouços. 5) Argentina. 6) Ourique.



TIT-BITS



EMORA À PRIMEIRA VISTA O NÃO PAREÇA, ESTE É UM HOMEM IMPORTANTE: NADA MAIS NADA MENOS QUE O PRESIDENTE DO «CLUBE DOS BIGGDES», DE SINGAPURA! OH!!

ACONTECEU

NO eléctrico em que, há pouco, viajei, armou-se tremenda discussão. Um passageiro teve o descaro de puxar duma nota de cinquenta escudos para pagar um bilhete de oito tostões. O condutor indignou-se, e a palavra puxa palavra, o caso ia sendo muito sério. O condutor vibra sofrer do fígado. Era vermelho, apoplético e dava uma raça que bateu nos muros e deu mundos novos ao mundo, tremia de justificada cólera.

— Mas que obrigação tenho eu de ter tróco de cinquenta notas que bateu nos muros e deu mundos novos ao mundo, tremia de justificada cólera.

— Mas que obrigação tenho eu de ter tróco de cinquenta notas que bateu nos muros e deu mundos novos ao mundo, tremia de justificada cólera.

— Mas que obrigação tenho eu de ter tróco de cinquenta notas que bateu nos muros e deu mundos novos ao mundo, tremia de justificada cólera.

— E quem me obriga a mim a trazer dinheiro trocado? — berrava o passageiro.

Todos os assistentes seguiram, com v'álvel interesse, a discussão. E formaram-se partidos, de que isto dos eléctricos em Portugal, é como as eleições na Inglaterra.

A certa altura, porém, o condutor, que já chamara ao passageiro alguns nomes feios, que o outro, diga-se em abono da verdade, retribuiu com juras, teve a infeliz idéia de dizer: — Olhe, sabe que mais? Apete-se, deixe cá ficar o dinheiro, e vá receber o tróco a Santo Amaro!

Senti que ao passageiro, ou do dava uma congestão ou a atirar-se ao condutor e matá-lo, ali mesmo, à frente de todos nós.

E como, nesse momento, me tivesse lembrado de que tinha tróco de cinquenta escudos, resolvi intervir, troquei a nota e assim se resolveu o assunto.

Mas senti perfeitamente, pelos olhares de ódio que apanhei me lançaram, que, lá no fundo, o condutor e o passageiro ficaram furiosos comigo, por eu os ter, com a minha estúpida intervenção, obrigado a terminar uma discussão tão útil e da qual tantas vantagens poderiam advir para o futuro da Humanidade e da Carrist!...

ESTA SEMANA

Apontamentos

NOVELA CURTA



Na América (pois onde havia de ser!), realizou-se um concurso de novelas curtas. Estava quasi a ganhar um concorrente que enviara uma pequenissima novela que dizia apenas: — «Nasceu, viveu, morreu».

Mas, à última hora, outro concorrente arrebatou o prémio com esta novela, de facto ainda mais sintética: — «Nasceu morto»...

PARADOXO POLÍTICO



Há muita gente que julga que vai deitar de precisar de trabalhar — só porque ganharam os trabalhistas...

PREGUNTA INDISCRETA. O AUTOGRAFO DE SHAW



Há dias, um miúdo perguntou ao papá: — «Ó papá! Porque é que a Policia prende os vendedores de fruta que andam na rua a vender pêssegos a dois mil réis a dúzia e não prende os donos dos lugares que vendem os pêssegos a dois mil réis cada um?».

O papá não soube responder.



O terrível G. B. S. recebeu, um dia, uma carta dum alfaiate que éie não conhecia em que se lhe pedia o dinheiro dum fato que éie lá tinha feito há cerca dum anno.

Indignado, Shaw escreveu ao homem a dizer-lhe que devia tratar-se dum engano ou dum abuso.

E, na volta do correio, o alfaiate escreveu-lhe nos seguintes termos: «Muito obrigado, sr. Shaw. Só assim eu apanharia um autógrafo seu!»...

CEAR OU NÃO CEAR...



Os ditados e dizeres do povo demitem-se uns aos outros, bastas vezes. Assim, há um que diz: «das grandes cetras estão as sepulturas cheias», enquanto outro afirma que quem se deita sem cetra tóda a noite rabela.

Estavamos nós nesta indecisão, quando, de repente, veio o racionalismo e resolveu tudo.

CONDUTOR



Bevin, novo ministro dos Estrangeiros do Governo Inglês, declarou que foi condutor dos eléctricos.

De futuro, vamos passar a tratar com mais diplomacia e amabilidade os condutores da nossa simpática Carrist.

Não vá algum déls acabar em ministro dos Estrangeiros...



VIRGINIA MAYO, UMA
DAS ARTISTAS PREFERIDAS
DOS SOLDADOS AMERICANOS
NO PACIFICO, APARECE-NOS
AQUI, COMO UM ALVO MARAVILHOSO
DE BELEZA.

Foto R.K.O.)